

Cães de ontem e de anteontem, 26 out. 1962

Vladimir Herzog

O Estado de S. Paulo, 26 out. 1962

Por mais que fosse escorraçado, o cão sempre esteve ao lado do seu “melhor amigo”. Desde Adão. Dizem que aquele predecessor eterno, ao ser expulso do Paraíso, via num dado instante a terra abrir-se a seus pés, separando-o dos outros animais por enorme fenda. Temeroso de ficar sozinho (a lenda não fala em Eva), pediu àqueles que tivessem coragem para que pulassem sobre o abismo e se juntassem a ele. Só o cão pulou.

“Sauter” celebrizou-se em Corinto, na Grécia, como o último sobrevivente de uma batalha na qual perderam a vida 49 de seus confrades. Recebeu a medalha de “Salvador da Pátria”.

Alexandre-o-Grande deu a uma cidade – Peritas – o nome do seu cão. Conta-se a história de um “vira-lata” de propriedade de um amigo de Henrique VIII que mordeu o Papa, em Roma, garantindo assim a Reforma na Inglaterra.

A França, entretanto, é país pródigo em histórias de cães relacionados com sua história. Há o caso de “Mustafá”, que se celebrizou na batalha de Fontenoy, na qual Luís XV venceu os ingleses. Seu dono, um artilheiro, havia perecido junto ao canhão. Mustafá sustentou o combate acendendo a mecha da arma fazendo-a disparar sobre as forças inimigas. Francisco I costumava dizer que um verdadeiro gentil-homem devia dar presentes ao rei na seguinte ordem: “um cão, um cavalo e uma mulher”.

Henrique III e Luís XIII partilhavam com os cães esportes, mesa e cama. “Citron”, um dos favoritos de Henrique, conheceu também a ingratidão e a desgraça dos grandes. Um ministro que se encontrava na mesma situação de “Citron” acolheu-o num beco de Paris e fez gravar em sua coleira estes versos:

*Le fidèle Citron, qui couchait autrefois
Sur vôtre lit sacré, couche ores sur la dure,
C'est ce fidèle chien, qui apprit de nature
A faire des amis et des traitres le choix*

Ilustrações e texto de Vladimir Herzog

HERZOG, Vladimir. “Cães de ontem e de anteontem”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 out. 1962, p. 41.